



COLÉGIO LUIZA DE MARILLAC

EXTERNATO POPULAR SÃO VICENTE DE PAULO

Rua Voluntários da Pátria, 1.653 - Santana - São Paulo - CEP: 02011-300

Tel/fax: 2226-6161 - www.marillac.g12.br - marillac@marillac.g12.br

A criação do mundo para os egípcios

Para os egípcios o mundo não havia sido criado por um deus existente desde sempre. O que sempre existira era o caos. Muitas vezes o caos é descrito em termos negativos, não pode ser explicado, não se parece com nada e é a negação do mundo presente, atual [para os egípcios antigos]. Ele é o que existia antes de existir o céu, antes de existir a Terra, antes de existirem os homens, antes de os deuses terem nascido, antes de existir a morte. Todavia, não se concebia o caos como algo imaterial: ele era um oceano ilimitado, chamado **Nun**. Trevas cobriam a face do abismo, pois ainda não havia o sol. Mas no interior do abismo escuro e líquido encontrava-se, em estado latente, a substância primeira a partir da qual seria formado o mundo. Também submerso em algum ponto dele estava o **demiurgo** que iria fazer essa modelagem. O **demiurgo**, porém, só existia como algo possível, ainda sem consciência de si e da tarefa que o esperava.

Em determinado momento, conhecido como “a primeira época” ou “a primeira ocasião” uma minúscula ilha emergiu das águas; era o **outeiro primordial**. Esta noção sem dúvida reflete a experiência repetida todos os anos da inundação do **Nilo** – o espetáculo da terra quase submersa que em seguida surge renovada das águas, coberto de solo fresco, e logo verde, repleta de criaturas vivas, fértil, pronta para o cultivo: uma gênese de todos os anos.

Embora já existisse antes de qualquer outro deus, às vezes sendo até chamado de **pai dos deuses**, o **Nun** não era uma força ativa. A organização e o ordenamento do mundo precisavam ser realizados pelo **demiurgo**. Mas o que isto implicava? Para os egípcios isto não implicava conflito: o **demiurgo** não aparece, nos hinos que lhe foram dedicados lutando contra o caos ou contra os monstros do caos. Seu significado é bem outro. O caos original era um estado unitário, indiferenciado, e o **demiurgo** personificava o processo de diferenciação e definição. Ao contrário do caos original que era ilimitado, havia limites no mundo ordenado que começava a emergir com o **demiurgo**. Além do mais, o **demiurgo** trouxe luz aonde reinava a escuridão primordial – e na luz as coisas podem existir em separado. Graças ao **demiurgo** o que era único se transformou em vários. Dependendo de qual cidade contasse o mito, o **demiurgo** assumia a identidade do deus daquela cidade, em **Heliópolis**, o demiurgo era o deus-sol **Rá**; em Mênfis, era o deus-terra **Ptah**. Todos concordavam, porém, de que ele só passara a existir de fato no momento em que surgira o outeiro primordial. No interior do **Nun** ele se encontrava em estado de “sonolência” “inércia”, mas ao tomar consciência de si próprio ele se transformou. Sem ter sido gerado por nenhum pai, nem concebido por nenhuma mãe, por sua própria vontade ele se atribuiu um corpo e deu início à sua existência ativa.

As primeiras criações do **demiurgo** foram o deus do ar **Shu** e uma deusa, provavelmente a umidade, chamada de **Tefnut**; criados os dois eles produziram a terra e o céu – imaginada a primeira como uma travessa chata com borda corrugada e, o segundo, como um tacho de cabeça para baixo, apoiado em suportes que o mantinham a uma distância segura da terra. Esta e o céu se uniram e geraram dois casais divinos. Com o surgimento dessas divindades teve início um processo gradual que resultou no povoamento do mundo com deuses, seres humanos e animais.

Os deuses egípcios tinham muito em comum com os seres humanos; tinham limitações como os humanos; com exceção do demiurgo não eram oniscientes nem onipotentes: podiam ser surpreendidos pelos acontecimentos e nem sempre conseguiam alterá-los, também não tinham vida eterna, envelheciam e morriam como os seres humanos. Tudo isso deixa claro o parentesco entre humanos e deuses.

Mas não elimina o limite entre eles. Os deuses viviam além dos limites da terra – nos céus ou nos mundos inferiores – e os seres humanos não tinham contato direto com eles. No entanto, atuavam na terra, e de maneira muito poderosa. Um campo de força circundava cada divindade e de todas irradiava-se um poder mágico, afetando tudo o que merecesse a atenção dele ou dela. Além do mais, embora fossem diversos, os deuses e as deusas formavam uma comunidade, quase uma família. Era uma concepção que inspirava temor, e os egípcios de fato expressavam um temor respeitoso pelo poderio e majestade de suas divindades.

O temor, porém, estava mesclado com amor. Como diz um dos hinos: “*Eu me prostro com temor de ti, eu ergo os olhos para ti com amor*”. Segundo a concepção dos egípcios, os homens e as mulheres foram criados para existir, como os próprios deuses, e não para servir de escravos a estes. Na verdade eles estavam convencidos de que, ao organizar o mundo, o **demiurgo** sentiu um prazer em adaptá-lo, com a luz do sol, as plantas, os animais – e também com os deuses – às necessidades humanas. E seu exemplo estabeleceu o tom para os outros deuses: quase todos eram benevolentes. Dependendo de tais seres não era nenhuma dificuldade.

Além disso, os egípcios sabiam que, tal como eles próprios, os deuses estavam subordinados e eram sustentados pelo princípio de ordem que abrangia tudo e era chamado de *ma'at*.

Extraído de: COHN, Norman. **Cosmos, caos e o mundo que virá**: as origens das crenças no Apocalipse. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. pp.18-23.